

O vilão da Medicina de Brasília

Brasília — O que fazer num hospital em que o presidente da República é tratado como indigente? Transformado em símbolo nacional do que há de pior na medicina brasileira, não houve alternativa para os administradores da capital do país. Água misturada ao esgoto; paredes mofadas; goteiras; fumaça e fuligem das chaminés na UTI; ameaça de desabamento... Falta tudo: luvas esterilizadas, leitos para doentes, botas para os médicos e sonda de hemodiálise.

O Hospital de Base é o vilão da Medicina de Brasília. Graças a ele, o atendimento hospitalar local — infinitamente superior ao de muitas capitais do país — virou sinônimo de barbeiragem médica. Deve-se a ele a famosa frase do deputado Magalhães Pinto: "o melhor médico de Brasília é a ponte aérea".

Originalmente, o então chamado Hospital Distrital de Brasília deveria se limitar ao atendimento de pacientes que não pudessem ter seus casos resol-

vidos nos hospitais regionais das cidades satélites, ou do Plano Piloto. O crescimento desordenado de Brasília, que virou pólo intermediário de migração entre o Norte-Nordeste e o Sul do país, causou o que o governador José Aparecido definiu como "envelhecimento precoce" de um hospital antes conceituado.

Hoje a situação é dramática. A chave do trabalho dos profissionais que trabalham lá é a improvisação. Nos seus 11 andares, construídos junto com o resto da cidade, há 26 anos, as pequenas obras foram uma constante tentativa de evitar a grande obra que agora será feita.

No hospital de base, tudo é possível: uma criança morreu por falta de soro antiofídico; outra caiu da janela sem que ninguém percebesse; uma senhora foi operada na perna esquerda depois de ter fraturado a direita. Isso tudo sem contar o drama vivido pelo ex-presidente Tancredo Neves que foi

parar numa sala de operações desativada e, quando foi encaminhado à sala correta, teve sua operação presenciada por quase 30 pessoas que nada tinham a ver com o caso.

A UTI onde Tancredo esteve internado durante 14 dias, até ser transferido para São Paulo, sofreu reformas parciais, pois a obra parou no meio. Agora, toda a fumaça das chaminés das caldeiras do hospital vaza para a UTI.

É um hospital de contradições. Ao mesmo tempo em que possui um equipamento sofisticadíssimo, como um acelerador nuclear para tratamento de câncer, que outros centros desenvolvidos não dispõem, falta um simples cateter para o tratamento de hemodiálise. Nos 60 mil metros quadrados do hospital, circulam diariamente 520 médicos, de 40 diferentes especialidades. Pelo pronto-socorro — primeira parte a ser desativada — passam diariamente 1 mil 500 pessoas. No ambulatório são atendidos 2 mil pacientes por dia e o hospital realiza 800 cirurgias por mês.